



Por quem meus amores choram

Oksana Guerra

- I -

A mulher está bem próxima da casa branca. Vê uma amiga do lado de fora, fumando um cigarro. Seu marido aparece e se junta a ela. Estão muito perto. Se olharem na direção da mulher, ela não terá como disfarçar sua presença. O encontro será menos constrangedor se ela se expuser de modo espontâneo. Sim, é isso que vai fazer. Anda em linha reta, mais alguns passos e estará com eles. A mulher ouve a voz de sua mãe, ela chora. A mulher deixa de cumprimentar o casal de amigos, eles entenderão. Uma mãe em prantos deve ser a prioridade de qualquer pessoa normal. E ser normal é tudo que se quer. Entra pela porta principal da construção, depara-se com uma sala de paredes brancas e nuas. Uma prima que não vê há anos pede a uma tia que explique a receita do seu bolo de carne. O chefe de mãos dadas com a esposa, ambos em silêncio. Uma colega de trabalho olha para o relógio e revira os olhos, tem mais o que fazer. Duas amigas se abraçam. O marido da mulher está sentado, com a cabeça baixa, posta entre as mãos. Ela ouve sua mãe mais uma vez. Com a voz mais triste que já saiu de seus lábios, repete uma oração. Por quem? A mulher se aproxima a passos lentos e vê um corpo jovem em repouso, em meio a flores sem cheiro. Observa o rosto pálido, marcado por olheiras muito escuras, com os ângulos ressaltados pela magreza excessiva. As mãos cruzadas repousam sobre o ventre. A mulher se pergunta quem é essa por quem seus amores choram.

- II -

A mulher abre os olhos devagar. Não sabe onde está. Senta e olha ao redor. Não encontra explicação razoável para despertar num banco de madeira, no meio de um gramado, num local desconhecido. Precisa manter a calma e tentar entender o que se passa.

Não há nada em seus bolsos. Nem chaves, nem celular, nem documentos. Não há em seu corpo qualquer sinal de ter sofrido violência. A mulher diz para si mesma que, se tiver bebido até perder os sentidos, essa é a ressaca mais estranha de sua vida. É possível que tenha errado a dose dos remédios.

Enquanto caminha sobre a relva, fragmentos de memória vão se juntando, até formarem uma cena. Estava em sua sala, no escritório. O ar-condicionado trabalhava mais intensamente que ela. A mulher lidava com alguma



burocracia banal. Pediu a uma colega que lhe encaminhasse um documento, e ela reagiu com um indisfarçado revirar de olhos e suspiros de aborrecimento. A indelicadeza era seu estado habitual, e a mulher não costumava se deixar afetar. Dessa vez foi diferente. Seu coração disparou, as palmas das mãos suaram. Voltou rapidamente a sua mesa e torceu para que ninguém viesse a seu encontro. Lágrimas quentes rolavam e caíam sobre o teclado.

- III -

A mulher caminha pelo gramado até o jardim, cercado de pedras brancas e muito limpas. As flores estão organizadas em canteiros, de forma harmoniosa. A mulher não sabe que horas são agora, mas parece ser de manhã. Se tivesse acordado em sua cama e não nesse lugar estranho, provavelmente a essa hora estaria na padaria, pedindo um pão de queijo e um café com pouco leite, como fez na manhã anterior. Tomou o último gole da bebida quente e, na fila do caixa, encontrou o vizinho do quinto andar do seu edifício. Ela disse bom dia de modo automático e, sem que perguntasse qualquer coisa, o homem passou a se queixar da síndica. A fila sempre é longa no horário em que sai o pão quente. Enquanto o homem falava, a mulher pensava nas tarefas do dia, nos prazos a cumprir. Emitia eventuais sons de concordância ou acenava de vez em quando com a cabeça para fingir que o ouvia. Duas palavras arrancaram-lhe com força do seu devaneio: “aquela vagabunda”. Ruborizou. Percebendo a ofensa marcada no rosto da mulher, o homem tentou explicar: “você sabia que a cada noite ela dorme com uma pessoa diferente? Não sei como consegui se eleger para o cargo de síndica!”. Os lábios da mulher se abriram, mas nenhuma palavra saiu. Ficaram todas presas em algum ponto entre a boca do estômago e a laringe. O homem pagou a conta e foi embora, a mulher continuava muda, com a mão apoiada sobre o balcão do caixa e se concentrando para que a tontura não a fizesse apagar.

Os desmaios são sempre constrangedores. Faz alguns meses que acontecem com alguma frequência. A mulher foi ao médico. Explicou os sintomas: dores de cabeça, insônia, lapsos de memória. E, claro, os desmaios. Ele requisitou uma série de exames. Após a análise detalhada de seu organismo sob todos os ângulos possíveis, o médico concluiu que suas condições físicas eram bastante razoáveis para sua idade, considerando o sedentarismo. Receitou-lhe um suplemento alimentar, recomendou que praticasse exercícios físicos e concluiu que os demais sintomas eram “de fundo emocional”, o que é sempre uma boa explicação para o que não tem explicação. Um calmante fitoterápico deveria resolver. A mulher voltou um mês depois, seu estado havia piorado muito. O rosto pálido estava marcado por olheiras muito escuras, com os ângulos ressaltados pela magreza excessiva. O fitoterápico não a ajudava a dormir e faltava-lhe apetite. Sentia dores pelo corpo, cada vez mais agudas. De madrugada, podia ouvir os estalidos das articulações secas mesmo sem movê-las. A pressão na cabeça era constante. Fez novos exames. Depois de analisar os resultados, o médico estendeu-lhe o cartão de um psiquiatra.



- IV -

A mulher anda na direção contrária à do jardim. Há uma casa branca, e carros estacionados diante dela. Parece um bom lugar para pedir alguma informação. Ao se aproximar, vê o carro de sua mãe. Caminha mais devagar e identifica também o de seu marido. Devia ir logo até eles, mas não sabe como explicar que acordou nesse lugar sem saber onde está ou como aí chegou. Isso é mais que um simples lapso de memória. Não quer alarmar ninguém. Deve ter sido efeito dos remédios. O psiquiatra assegurou que ela só os usaria por pouco tempo, o necessário para se reequilibrar. Recomendou também psicoterapia, uma experiência tediosa. Era tudo fruto do estresse, mas a vulgaridade do diagnóstico não devia fazer a mulher banalizar o problema, disse o médico. O caso era grave e inspirava cuidados.

O médico tinha razão. Na noite anterior, voltando do trabalho, a mulher tentava esquecer a merda de dia que teve, quando o motorista de um carro vermelho a fechou de modo brusco. O estímulo inesperado inundou-lhe a corrente sanguínea de cortisol, preparando-a para uma situação de luta ou fuga. No semáforo seguinte, parou exatamente ao lado do carro vermelho. Após sucessivas mudanças de faixa em alta velocidade, o motorista não conseguiu atingir seu aparente propósito de levantar voo. Permaneceu no solo, junto aos demais condutores. A vida cuida de ensinar pessoas assim a serem mais educadas. A mulher olhou para o lado e viu o motorista do carro vermelho fazer-lhe um sinal obscuro, ao mesmo tempo em que gritava para que ela fosse lavar louça. Aquilo não fazia sentido. Ela não fez nada que justificasse a agressão e, acima de tudo, odeia lavar louça. Talvez a vida leve tempo demais para ensinar pessoas assim a serem mais educadas. Quando a luz verde disse “siga”, a mulher já não respondia por si. A coordenação dos movimentos seguiu de forma automática. Pé direito no freio, pé esquerdo na embreagem, primeira marcha engatada, pé esquerdo soltando a embreagem devagar, pé direito passando do pedal do freio para o acelerador, dando força ao motor. Depois de acessar impulsos primitivos na amígdala e na ínsula, interpretados pelo córtex pré-frontal como sinais de situação de perigo, o cérebro decidiu que era o caso de lutar, e não de fugir. O pé direito afundava cada vez mais no acelerador. A faixa em que a mulher seguia estava desimpedida; na outra, seu oponente encontrou como obstáculo um táxi parado, com o pisca-alerta ligado. O impaciente motorista buzinou freneticamente, e é provável que o taxista tenha pensado “bem feito” quando a mulher torceu o volante e lançou seu veículo com violência contra o carro vermelho, prensando-o contra um poste.

- V -

A mulher está cansada. Retorna ao banco de madeira em meio ao gramado e deita por uns instantes. Precisa telefonar para o médico. Os exames não detectaram a anomalia, mas talvez apenas sejam necessários testes mais específicos.